

UNEMAT Editora

Editor

Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor

Autores

Diagramação

Ricelli Justino dos Reis

Capa

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2014 / Unemat Editora

Impresso no Brasil - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenador /Organizador: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 4, nº. 1, (2014) . 274 p.

Modo de acesso:<<http://www.unemat.br/revistas/historiaediversidade/>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural. 1. Unemat Editora. Departamento de História de Cáceres.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil -

78200000

UNEMAT
EDITORA

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Revista



Textos Extras

PRÁTICAS DO OFÍCIO DOS MÚSICOS: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS NOS ESPAÇOS SOCIAIS DE CÁCERES NA DÉCADA DE 1980

Esp. RYLTON MARCUS ALVES SODRÉ

Esc. Est. Profª Francisca de Souza Alencar - EEFSa - Nova Olímpia/MT.
ryltonsodre@bol.com.br

Esp. IONE CRISTINA DE SOUZA

Esc. Est. Profª Francisca de Souza Alencar - EEFSa - Nova Olímpia/MT.
ionexenefonte@bol.com.br

RESUMO: Este artigo se pauta por uma investigação sobre a música como linguagem de entretenimento que articula práticas sociais e culturais, revelando comportamentos individuais e coletivos no contexto histórico da década de 1980, na cidade de Cáceres/MT. O trabalho se viabiliza pela análise de registros escritos, especialmente as notícias veiculadas na imprensa local sobre os eventos musicais da época. Entretanto, o foco das investigações toma como suporte documental as narrativas orais de três atores envolvidos, com a preocupação de discutir a representação que o músico faz de si e para si mesmo, bem como para as outras pessoas, analisando a convivência desse profissional com instituições e clubes sociais, como também expõem condutas pessoais que dão a conhecer o ofício de músico como algo distintivo nas manifestações socioculturais da cidade.

Palavras-chave: Músico, Conjuntos musicais, Linguagem, Representação Social.

ABSTRACT: This article is guided by an investigation into the language of music as entertainment that combines social and cultural practices, revealing individual and collective behavior in the historical context of the 1980s, the city of Cáceres/MT. The work is made possible by the analysis of written records, especially the reports in the local press about the musical events of the season. However, the focus of the investigation takes as documentary support the oral narratives of three actors involved, with the aim to discuss the representation that the musician's self and for himself and for others, analyzing the interaction of professional institutions and social clubs, they also expose personal behaviors that make known the office of a musician as something distinctive socio-cultural events in the city.

Keywords: Musician, music sets, language, social representation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se direciona a apresentar as práticas do ofício dos músicos: memórias e trajetórias nos espaços sociais de Cáceres na década de 1980. Assim propõe-se levantar entrevistas realizadas com três músicos registrados junto à Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), através do Conselho Regional, representado pela Delegacia Regional do Músico na cidade de Cáceres, envolvendo também a participação da Fundação Cultural de Cáceres e dos clubes sociais UBSSC, Humaitá, Nipo Brasileiro e Iate Clube.

Apresentamos relatos sobre o músico e realizamos análise sobre a Lei nº

3.857, de 22 de Dezembro de 1960, que cria a Ordem dos Músicos do Brasil e dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de *músico*. Propomos através do modo narrativo, o desenrolar e o desenvolvimento da pesquisa que apresentará dados colhidos dos jornais da época e dos entrevistados na cidade de Cáceres/MT, envolvendo os músicos, a Delegacia Regional do Músico (OMB), a Fundação Cultural de Cáceres e os clubes sociais UBSSC, Humaitá, Nipo Brasileiro e Iate Clube, através de entrevistas, consultando a memória dos entrevistados, objetivando o enriquecimento da pesquisa em questão, levantando a problemática com objetivo de apresentar como esses sujeitos foram se constituindo nos espaços sociais de Cáceres, na década de 1980.

Na metodologia da pesquisa, buscamos realizar um estudo por sondagem, não se preocupando em investigar os mínimos detalhes dos dados levantados. Levantamos dados básicos, considerados essenciais sobre os agentes históricos envolvidos, com o objetivo de análises futuras, de complementações, de estudos mais avançados, propiciando novas problemáticas sobre o tema, tendo em vista que “*os trabalhos historiográficos que tratam de desvendar as relações entre história, música e produção do conhecimento enfrentam uma série de interminável de dificuldades [...]. Isto é, [...] a escassez de apoio institucional [...].*”¹

Não apresentamos respostas e nem postulamos verdades; pesquisamos, ouvimos e relatamos todos os sujeitos históricos essenciais à pesquisa. O objetivo foi apresentar novas problemáticas, novos agentes históricos, possibilitando trabalhos de pesquisas futuras.

A presença do músico no estado de Mato Grosso

O surgimento dos primeiros músicos, no estado de Mato Grosso, data de 1726, impulsionado pelas práticas musicais iniciadas nas igrejas, em que “*a música, cantada e instrumental, ficou registrada desde 1726.*”²

Através dessas práticas musicais, outro registro aponta que “*em 1727 operava na vila um Mestre de Capela*”³, que era um músico encarregado de ensaiar as músicas cantadas nas práticas religiosas.

A presença do músico também é relatada no texto da autora Elizabeth Siqueira (1997): “*navegação pelo rio Paraguai [...]. Mato Grosso passou a tomar contato com as idéias e os produtos vindos [...] da Europa [...] uma série de produtos manufaturados puderam ser vendidos nas Casas Comerciais de Mato Grosso, como [...] instrumentos musicais [...].*”⁴

Reforçando a presença do músico, a autora ainda cita que na usina Itaici, de propriedade de Antônio Paes de Barros, conhecido como Totó Paes, fundada em 1897, existia banda de música: “*a usina Itaici, de propriedade de Totó Paes [...] em 1897 [...]*

1 MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.20, nº 39, p.205.

2 PRIMEIRA Rifa que fez o Exmº. [...] Rodrigo César de Menezes (instrumentos musicais); Cuiabá, 1727; mms., Microfilme, Rolo 04, NDIHR/UFMT. Cópia da Conta do Rendimento e Despesa da Câmara das Minas do Cuiabá – Ano de 1727; mms., Microficha 27, Doc. 1091 – (AHU) – NDIHR/UFMT.

3 Ibid.

4 SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Revivendo Mato Grosso*. Capítulo 10 – *A Cultura Matogrossense no século XIX*. Cuiabá: SEDUC, 1997, p. 84.

mantinha uma extensa plantação de cana-de-açúcar, a casa das máquinas [...] além de escola, farmácia e banda de música".⁵

Na cidade de Cáceres, estado de Mato Grosso, a expressão "banda de música" surgiu a partir de 1892, conforme a ata: "às 7,30 horas da manhã reuniu-se precedido de uma banda de música no edifício municipal [...]"⁶, envolvida numa reunião realizada pelo Conselho de Intendente, sob a presidência do Cel. Mariano Ramos, também como adereço das atividades militares, num processo político. Em 1931, uma das atividades principais do Prefeito Municipal Costa Marques, no período de maio a setembro, foi a "aquisição de instrumental para a Banda de Música Municipal."⁷

Devido às práticas festivas, realizadas nas datas comemorativas do Estado de Mato Grosso, "registros de festas mencionam várias orquestras"⁸. E na composição dessas, a presença do músico é essencial.

As festas propulsaram a apreciação da música no estado de Mato Grosso, e a música, que animava as alegres noitadas, "se tornou, assim, um dos mais eficientes instrumentos do desenvolvimento cultural do Estado [...]. Em 1930 foi oficializado o Instituto Matogrossense de Música".⁹

Essa apreciação pela música é mais forte a partir de 1935, através de festas caseiras e noitadas badaladas, em que "um grupo de amantes da música organizou o Conjunto Serenata [...]. No seio desse grupo [...] surgiu uma aspiração maior, e em 1947 fundaram o Centro Artístico e Musical de Cuiabá."¹⁰

Em 1961, surgiu o Conservatório Matogrossense de Música, destacando-se daí "alguns conjuntos profissionais [...] com a finalidade de tocar em bailes e festas, em residências particulares e clubes".¹¹

Resultados e discussão

Na década de 1980, na cidade Cáceres, estado de Mato Grosso, existiam conjuntos musicais que ocupavam e disputavam o espaço para as práticas do ofício de músico. Esse espaço atendia suficientemente a demanda dos conjuntos musicais, que eram grupos formados por músicos, para animarem bailes, realizados em clubes, além de carnavais, shows em exposições agropecuárias, festas de aniversários, datas comemorativas etc.

Através de fontes orais, realizadas com o entrevistado músico Antônio Saturnino da Silva, ele afirma que os músicos tinham o seu espaço para as práticas do ofício de músico, enquanto meio de sobrevivência e até por divertimento, principalmente

5 SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Revivendo Mato Grosso*. Capítulo 7 – As usinas de açúcar. Cuiabá: SEDUC, 1997, p.73.

6 MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres. História da Administração Municipal*. Tomo I. Cáceres, 1973. Tema: Volta à legalidade, pag. 97.

7 15º. – Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques (1931-1931 - Natalino Ferreira Mendes. *História de Cáceres. História da Administração Municipal*. Tomo I. Cáceres, 1973, pag. 153.

8 SIQUEIRA, Joaquim da Costa. *Compêndio histórico das notícias do Cuiabá, repartição da capitania de Mato Grosso, desde 1778 a 1817*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XIII, 1850, pp. 5-124.

9 PÓVOAS, Lenine C. *História da Cultura Matogrossense*. Ed. 2. Cuiabá: 1994. págs.155 a 156.

10 *Ibid.*, págs.156 a 157.

11 *Ibid.*, págs.157 a 158.

quando havia eleições políticas: *“política, naquele tempo, eu toquei comícios pra todo lado, toquei disparado.”*¹²

Segundo o músico Walter Cândido de Oliveira – popular Picolé -, os conjuntos musicais Status e Sol de Verão também contribuíram para que a cidade de Cáceres, além das artes e do esporte, despontasse no meio artístico dentro do estado de Mato Grosso. Quando esses conjuntos musicais iam tocar em outras cidades, carregavam o nome da cidade, e assim colaboravam no processo de mais reconhecimento: *“Na década de 80 [...] a gente tinha um grupo onde levou também o nome de Cáceres a vários encontros do Estado.”*¹³

Esses conjuntos musicais, segundo o músico Antônio Saturnino da Silva, não estavam filiados em nenhum sindicato, associação ou coisa parecida; não existia uma comunidade de músicos com ferramentas para divulgação de projetos e interação com outros músicos e não havia um acordo entre eles sobre o valor padrão a ser cobrado nos contratos musicais: *“entre os conjuntos musicais não havia um acordo pra estabelecer um valor x; cada um é que dava o seu preço.”*¹⁴

Além disso, *“alguns músicos tinham outras ocupações: trabalhavam na Prefeitura, no Fórum; o meu violonista era do colégio Onze de Março; tinha um que era professor; outro era do banco [...]”*¹⁵, então, não havia uma preocupação por parte dos músicos que tinham outras ocupações em estabelecerem acordo com os que dependiam desta profissão. Alguns trabalhavam em conjuntos musicais para adquirirem um dinheiro extra, ou apenas por gostarem, pensando a música como uma atividade qualquer, e não como arte estética: *“Eu toquei muito em clube de operários só prá ajudar.”*¹⁶

Segundo Antônio Saturnino da Silva, *“naquela época tinha vários conjuntos [...], e quando faltava, [...] a gente fazia na hora, juntando um aqui e outro ali [...] muitas vezes aparecia em casa elementos já quase em cima da hora.”*¹⁷

Por ser o músico que tinha certa experiência na área musical, e por conhecer a maioria dos contratantes de conjuntos musicais, o músico Antônio Saturnino da Silva diz que ele não era empresário, mas que era procurado pelos outros músicos, que buscavam uma vaga para tocarem. O conhecimento que o músico Antônio Saturnino da Silva tinha na área musical, como arranjador e compositor de músicas para datas comemorativas e campanhas políticas, dava-lhe os créditos e o possível “monopólio” sobre alguns músicos.

O músico Antônio Saturnino da Silva, ao se referir à expressão “elementos” refere-se a “músicos”, e “conjuntozinhos da terra” indica que os conjuntos eram constituídos naquela cidade, pegando um músico aqui e outro ali.

Mas havia uma relação muito saudável entre os próprios músicos: *“a relação era muito saudável, muito saudável; existia assim um respeito muito grande, muito*

12 Conforme entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.

13 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

14 Conforme entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.

15 Ibid.

16 Ibid.

17 Ibid.

saudável.”¹⁸

Na década de 1980, se emancipa as cidades e não há ainda a febre da música eletrônica. Também se considera que para os eventos festivos ainda não se contratava “conjuntos” de fora. A cidade de Cáceres e cidades vizinhas eram tomadas por festividades, devido às festas agro-pecuárias que alimentavam os espaços para esses conjuntos musicais, propiciando-lhes o trabalho musical. Essas festas duravam até semanas:

Tinha época que era bastante porque tinha as feiras agro-pecuárias, [...] a gente trabalhava de domingo a domingo. [...] era uma semana de festa, iniciava no domingo, [...] Araputanga, Mirassol, tinha as feiras também musical em Jauru que a gente fez três anos, que era cinco dias, ela começava na quarta e encerrava no domingo [...] era muito intensa, [...] tinha época de período de férias, de julho [...] em Cáceres, com a vinda dos estudantes, tinha as noitadas durante a semana, [...] não era assim sempre, mas tinha [...]. Não era sempre, mas oportunidade freqüente tinha sim, por exemplo, eram semanais, já diretos, esses contratos com essas feiras. (Entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007).

E durante esses eventos, tinham oportunidade de trabalharem com artistas nacionais famosos na época, que contribuía para elevar o nome do conjunto musical que era contratado para acompanhar o artista: “a gente trabalhou com Mato Grosso e Matias, com outros artistas a níveis nacionais, com a Nalva Aguiar, a cantora Lilian, o Duduca e o Dalvan e assim por diante, era muitos grupos famosos.”¹⁹ Esse tipo de acerto realizado entre o conjunto musical e o empresário de artista famoso abria as portas, dando oportunidades e trabalho aos conjuntos musicais, aos músicos, fazendo com que eles fossem descobertos pelos contratantes de casas de shows, de presidentes de festas agro-pecuárias e outros.

Nas feiras agro-pecuárias, realizadas na cidade Cáceres, o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão confirma essa forma de trabalho declarando que “nós tocamos 7, 8 anos lá no palco principal; a gente abria pra artista, nós acompanhávamos artistas.”²⁰

Essa afirmação do músico Osmar Luiz de Camargo Negrão é registrada pela matéria publicada na imprensa local nos seguintes termos: “Fim da expectativa – começa a XXI Expoagro de Cáceres [...] À noite acontece o tradicional baile de Abertura, no Esporte Clube Humaitá, com a animação por conta do conjunto musical Status.”²¹

Havia por parte dos grupos sociais, freqüentadores desses shows, uma receptividade calorosa. Os freqüentadores aplaudiam os shows, pediam autógrafos aos músicos, gritavam-lhes os nomes, presenteavam-lhes e se divertiam sem violência, contribuindo para que os eventos fossem agradáveis.

Segundo o músico Walter Cândido de Oliveira, “era muito contagiante [...] as pessoas iam mais para se divertir mesmo [...] se apresentavam mais cedo nos bailes [...] não existia essa escalada de violência que existe hoje.”²²

18 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

19 Ibid.

20 Conforme entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.

21 Jornal Correio Cacerense, pág. 1, Cáceres, 27 de julho de 1985.

22 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

A década de 1980 era outra época, em que se faziam muitos bailes nos clubes sociais. O pessoal se dispunha a sair, a ir ao baile, dançar e curtir ao som dos conjuntos musicais. A sociedade cacerense, aproveitando o clima festivo da cidade, fazia-se presente nestes bailes: *“Muita gente presente no baile acontecido ontem no Esporte Clube Humaitá. O Baile da Proclamação da República. [...] distintas famílias como também a ala jovem se divertiram, dançaram até altas horas, ao som e embalo do conjunto musical Status. Valeu.”*²³

Haviam também as festas realizadas pelo Mato Grosso Esporte Clube e os concursos de Miss Estudantil, que eram abrilhantadas pelos conjuntos musicais, que se encarregavam de propiciarem à sociedade cacerense a diversão:

A diretoria do Mato Grosso Futebol Clube, convida V.S.a e família cacerense para participarem da comemoração do 1º aniversário de fundação do clube, a realizar-se dia 1º de dezembro, a partir das 18 horas na Praça da Feira [...] Animação Grupo Musical Sol de Verão [...] (Jornal Correio Cacerense. Cáceres-MT, 29 de novembro de 1984, pág. 5.)

Neste dia 24, sábado será realizado o grande Concurso de Miss Estudantil/84, com participação de todos os colégios de Cáceres. O evento, que promete ser fantástico, tem como local escolhido a Quadra Coberta do CEOM. Após o Concurso, grandioso baile, com animação do conjunto musical Sol de Verão. (Jornal Correio Cacerense. Cáceres, 20 de novembro de 1984, pág. 2.)

A divulgação realizada pela imprensa local, informando que um determinado conjunto musical estaria animando uma festa, um concurso, ou outro tipo qualquer de evento, valorizava o trabalho dos músicos, pois assim ficavam cada vez mais conhecidos e mais espaços para as suas práticas musicais surgiam.

É importante perceber que na década de 80, nas falas dos entrevistados, os conjuntos musicais se encarregavam de propiciarem ao público a alegria e a descontração, e em troca recebiam os elogios, o incentivo para as práticas do ofício de músico prosperar.

O músico Antônio Saturnino da Silva, ao falar sobre os elogios que recebia de políticos, chamando-o até de Maestro, sentia-se um personagem importante, para além da condição de indivíduo comum: *“fui convidado até pra ser vereador, eu disse: Deus me livre!” [...] o prefeito só me chamava de: Ó Maestro!”*²⁴

Entre os conjuntos musicais que disputavam essas práticas, esse espaço, existiam bandas consideradas boas pelo músico Antônio Saturnino da Silva, que eram os preferidos do público e dos clubes de shows. Para ele, um dos motivos desses conjuntos serem muito procurados era o porquê de existirem nesses bons músicos, apesar de não viverem apenas das práticas do ofício de músico.

Por ser o músico com mais experiência na área musical, o músico Antônio Saturnino da Silva se encarregava de ensaiar alguns conjuntos musicais, e assim avaliava o nível musical de cada músico.

A banda Status, por exemplo, era considerada uma ótima banda, conforme

23 Jornal Correio Cacerense, pág. 3, coluna Destaques Sociais – Cáceres-MT., 17 de novembro de 1984.

24 Conforme entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.

a matéria publicada no Jornal Correio Cacerense (13/07/1985), apresentando a importância deste conjunto musical para a sociedade cacerense a região: *“retornando à ativa [...] em resposta ao apelo dos seus infinitos fãs, está o GRUPO STATUS [...] o Status já se prepara para “repetir a dose” na Animação da XXI Expoagro de Cáceres. [...] Vamos nessa!”*²⁵

Osmar Luiz de Camargo Negrão, ex-guitarrista da banda, apresenta o motivo da consideração:

Nós realmente fizemos o diferencial [...] éramos músicos mais experiente, todo mundo já havia tocado em outros lugares antes de tocar aqui, e realmente o pessoal sentiu um choque vendo que a qualidade da banda era [...] boa [...] a gente tocava muito MPB, coisa que não existia, além de músicas internacionais, que era moda. A sociedade [...] recebeu bem [...]. Orgulhava-se da nossa banda. Quando vinham pessoas de fora [...] via a gente tocando, pessoal perguntava, o pessoal com orgulho falava que a banda é daqui, de Cáceres [...]. Recebia bem porque era bom. (Entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.)

Na década de 1980, o perfil do estilo musical atendia mais o gênero romântico, direcionado mais aos casais, que freqüentavam os bailes realizados nos clubes sociais.

Mas não se limitava por aí: nas discotecas, realizadas aos domingos à tarde, o estilo musical diversificava: pop, rock samba etc., com o objetivo de atender quase todos os gostos e estilos musicais.

O músico Antônio Saturnino da Silva, por ter mais experiência na área musical da década de 1980, declara que: *“tinha [...] umas cinco bandas.”*²⁶ [...] *Só que eram meio fracas [...] pra tocar fora era mais difícil. [...] muitas vezes eu fiz parte da banda deles. Nós fomos a Tangará e Cuiabá. Tinha falta de músicos competentes de serviço.”*²⁷

Por terem dificuldades em trabalharem as músicas que seriam apresentadas, o músico Antônio Saturnino da Silva, quando se refere aos músicos considerados “fracos”, registra

Que eles não agradavam muito. É que comparando com aquela época, esse pessoal com o pessoal lá de fora, tava muito longe [...] eles não tinham condição de dedicarem mais, pelo seguinte: a maioria deles trabalhavam. Uns eram operários, outros funcionários, quer dizer, professor. E o meio aqui era atrasadíssimo, musicalmente falando, era uma pobreza medonha. (Entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.)

Por ter estudado música na cidade de Brasília, no estado do Acre, na profissão de saxofonista profissional, ao chegar à cidade de Cáceres, o músico entrevistado Antônio Saturnino da Silva deparou com uma área ainda em desenvolvimento. Ele era músico da orquestra daquela cidade, e assim adquiriu experiência teórica e prática em arranjos musicais.

25 Jornal Correio Cacerense, pág. 3, coluna Destaques Sociais –Cáceres, 13 de julho de 1985.

26 Termo que tem o mesmo sentido que “conjunto musical”.

27 Conforme entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.

Mas havia tantas procuras por esses conjuntos musicais que às vezes, essa questão de serem considerados fracos pelo músico Antônio Saturnino da Silva, não atrapalhava em nada, pois *“todo mundo foi bem recebido.”*²⁸

E entre os próprios músicos, havia uma relação harmoniosa, saudável, de respeito mútuo: *“A relação entre os músicos, entre as bandas e entre eles e as bandas entre as bandas era muito boa [...] rivalidade entre a gente não existia não [...] a gente jogava futebol uns contra os outros, a gente tocava junto, coisa legal, era legal, sempre foi bom”*²⁹.

Não havia, mesmo disputando o mesmo espaço, um clima de rivalidades entre os músicos. Existia o respeito.

Os clubes sociais e os conjuntos musicais

Os clubes sociais, na década de 80, possibilitaram aos conjuntos musicais os espaços sociais para as suas práticas. Havia a realização de muitos bailes e festas comemorativas, conforme notícia o jornal Correio Cacerense (10/08/1980):

A UBSSC está também em ritmo acelerado e hoje a discoteca está fervendo. Feita especialmente para você que deseja se expandir neste final de semana e esquecer o cansaço do trabalho e recuperar as suas forças. Acompanhe sempre a programação da UBSSC, participando e esqueça os maus augúrios desta vida. E viva a vida com muita emoção. (Jornal Correio Cacerense. Cáceres, 10 de Agosto de 1980, pág. 2.)

Começa-se o final de semana e muitas dicas existem para você. Vamos começar pela programação do Humaitá, onde a sua ativa e dinâmica diretoria que está com as suas portas abertas para recepcionar os seus sócios [...] O Humaitá se preocupa demais com você que precisa de bons momentos de lazer. (Jornal Correio Cacerense. Cáceres, 10 de Agosto de 1980, pág. 2.)

Além das músicas tocadas pelos conjuntos musicais, durante o intervalo que esses davam, ainda tocavam músicas com disco vinil. Aí estava o clima da discoteca: animação sem intervalo, com músicas diversificadas e com objetivo de atender todos os gêneros musicais: pop, rock, nacionais e internacionais, samba etc.

Segundo os músicos Antônio Saturnino da Silva, Walter Cândido de Oliveira e Osmar Luiz de Camargo Negrão, os clubes UBSSC e o Humaitá fôramos clubes sociais que mais contribuíram para as práticas do ofício de músico: *“Em 80 existia o Humaitá e o UBS, fora os bailezinhos de restaurantes, de aniversários, de uma coisa e outra [...] muitas vezes eu ia lá ao UBS fazer um showzinho.”*³⁰

O músico Walter Cândido de Oliveira disse que *“era nesses clubes, UBS, Humaitá, [...] que a gente [...] fazia uns eventos; eles também liberavam a parte de ensaio [...] nunca cobravam nada, luz, aluguel, nem nada, [...] a gente vê esse lado muito positiva.”*³¹

Também houve a contribuição do Iate Clube, que mesmo apresentando um

28 Conforme entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.

29 Ibid.

30 Conforme entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.

31 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

espaço social elitizado, mais moderno, e não um espaço totalmente popular, também foi um clube que apoiou e abriu espaço para os conjuntos musicais na década de 80:

E a melhor opção de hoje, é o comentado baile-desfile que o IATE CLUB estará promovendo logo mais à noite. Ao som do conjunto “STATUS”, o clube convida a todos, prometendo oferecer o melhor [...] Vamos conferir. (Jornal Correio Cacerense. Coluna Destaques Sociais. Cáceres-MT, 10 de novembro de 1984, pág. 3.)

Na maior agitação, o Cáceres Iate Clube vem promovendo o melhor na tão esperada promoção do dia 10 próximo. “O Baile de Verão, com a animação do já conhecido conjunto musical “Status”. (Jornal Correio Cacerense. Coluna Destaques Sociais. Cáceres-MT, 8 de novembro de 1984.)

Osmar Luiz de Camargo Negrão, músico entrevistado, disse que os clubes sociais UBS, Humaitá e Nipo sempre incentivavam os conjuntos musicais:

Sem dúvida. Todos eles! O Humaitá, o UBS e o Nipo [...]. O Humaitá sempre incentivou [...] nós ensaiávamos no palco do Humaitá, fazia uns bailes lá; nós tinha preferência. Sempre foi muito legal. [...] Ficamos no UBS ensaiando também com a nossa aparelhagem durante muitos anos; também variava em relação à presidência, a diretoria, mas de uma maneira geral, hiper bem tratado, não é?! Mas normalmente muito bem, muito bom, um relacionamento sempre agradável. (Entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.)

Na verdade, havia uma troca de interesses, pois tanto os clubes sociais, quanto os músicos, precisavam um do outro. A camaradagem não era algo unívoco, como regra, mas da postura individual do presidente do clube. Não eram todos os presidentes que permitiam o ensaio no clube.

Os clubes UBSSC e Humaitá davam total apoio aos músicos na década de 80: além de propiciarem os espaços para os conjuntos musicais ensaiarem, sem cobrar-lhes nada, todos os sábados, à noite, eram realizados bailes animados pelo conjunto musical contratado. Aos domingos, matinês para as crianças e para os jovens menores de 18 anos eram realizadas nestes clubes. A maioria das festividades era abrilhantada pelos conjuntos musicais da época, dando oportunidades de trabalho aos músicos. Na década de 80, os clubes UBSSC e Humaitá eram os principais clubes que acomodavam e oportunizaram empregos para os músicos na cidade de Cáceres.

Esses espaços auxiliaram na construção da identidade do músico, na sua representação social. Segundo Moraes, “os locais de entretenimento foram, na realidade, ambientes em que o músico popular pôde desenvolver difundir e sobreviver, ainda que precariamente, de suas atividades musicais.”³²

Verifica-se na citação de Moraes a importância dos clubes sociais, que possibilitam aos músicos o desenvolvimento das suas práticas musicais.

Eis que surge a Ordem dos Músicos do Brasil – OMB, órgão que tem a função de fiscalizar e controlar as práticas artísticas dos músicos, conforme descrito no

32 MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.20, nº 39, p.217, 2000.

Capítulo II.

O músico Walter Cândido de Oliveira afirma que: “*A Ordem dos Músicos chegou muito tarde aqui, e quando chegou ela não procurou assim, por exemplo, unir, trazer o músico pra Ordem; ela entrou já com conflito com o grupo musical.*”³³

Declara que a Ordem não buscou um entendimento com os músicos, expondo a sua função de órgão controladora e fiscalizadora. Conforme o entrevistado Walter Cândido de Oliveira, ela já chegou reprimindo, abusando do poder que lhe cabia. Faltou diálogo.

Com a vinda da Ordem dos Músicos para a cidade de Cáceres³⁴, elegendo um representante e instalando a Delegacia Regional do Músico, os músicos, que até então vinham se apresentando nos shows sem serem fiscalizados, foram pegos de surpresa, devido à ação muito rápida deste órgão; os músicos, que até então tinham liberdade para se apresentarem sem ter que pagar qualquer tipo de taxa, ao serem autuados nos locais de shows, questionou a Delegacia Regional do Músico de Cáceres, surgindo daí uma transformação nas práticas dos músicos.

Segundo o músico Walter Cândido de Oliveira, os conjuntos musicais não foram comunicados sobre a Lei nº 3.857, de 22 de Dezembro de 1960, que obriga o cadastramento dos músicos junto a OMB – Ordem dos Músicos do Brasil; o que aconteceu foi a fiscalização instantânea sobre os músicos, “*faltou, por exemplo, um diálogo entre a Ordem, por exemplo, um diálogo melhor entre a Ordem e os músicos de Cáceres*”³⁵, e isso chegou a gerar alguns conflitos entre os músicos e a Ordem dos Músicos:

Eu me lembro³⁶ que uma vez nós fomos apresentar em frente ao aeroporto velho, numa casa que tinha lá e que um músico nosso teve que entrar em atrito bem desagradável com o delegado da Ordem, porque ele chegou lá pra suspender a apresentação do nosso grupo, [...] E nesse conflito o delegado [...] foi diante da negativa em não deixar o grupo se apresentar devido a não regularização dos músicos na Ordem, houve até uma ameaça do músico em relação ao delegado, que parasse com aquela ameaça de não deixar a gente se apresentar. [...] no final ficou tudo resolvido. Ele entendeu, pensou melhor e liberou a apresentação da banda pra aquela noite. (Entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.)

Quanto a relação que existia entre os conjuntos musicais e a Ordem dos Músicos, o músico Walter Cândido de Oliveira declara que:

Sempre houve um distanciamento muito grande em relação a Ordem dos Músicos com a classe³⁷ musical. A gente sempre viu esse distanciamento em decorrência, da Ordem estar lá em Cuiabá e não trazer a Ordem pra Cáceres, e aproximar essa Ordem em torno do músico, pra auxiliar o músico

33 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

34 Não foi encontrado documento com a data exata da vinda da Ordem dos Músicos do Brasil para a cidade de Cáceres.

35 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

36 O entrevistado lembra-se do acontecido, mas não da data.

37 A palavra “classe” está aplicada no sentido de mencionar “os músicos”.

a realmente a buscar os seus direitos, a se filiar na Ordem, porque é sabido que ela ajuda em termo de aposentadoria, ela ajuda o músico em termo de financiamentos, é um bem muito grande, mas só que houve sempre esse distanciamento. (Entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.)

O músico Osmar Luiz de Camargo Negrão, que teve um conflito com o delegado da Ordem dos Músicos na época, disse:

A princípio, apesar da Ordem dos Músicos não fazer nada, não prestar pra nada: a Ordem dos Músicos não presta pra nada, ela não te ajuda em nada, ela só cobra uma taxa pra você trabalhar [...] eu realmente tive problemas com a Ordem dos Músicos que não existia, nunca existiu. Eles vinham só pra arrecadar, só pra arrecadar. Pra subir no palco tinha que pagar tanto, tudo nas mãos dos caras. Ainda vinha aquele pessoal de Cuiabá, todo mundo assim esfregando as mãos; ia ao Humaitá, fazia uma banca de araque, uma banca falsa: quem pagasse passava, entendeu. [...] Então eles vinham pra forrar o bolso. (Entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.)

Percebe-se, na fala do entrevistado que a Ordem dos Músicos do Brasil, durante a sua ação fiscalizadora na cidade de Cáceres, no período em questão, não agiu corretamente.

Com o passar dos anos, a Delegacia Regional do Músico foi divulgando a Lei nº 3.857, de 22 de Dezembro de 1960, que objetivava legalizar a profissão de músico em todo o território nacional. Diante disso, os músicos começaram a buscar os seus direitos, cadastrando-se para obterem a Carteira de Músico, que tinha por objetivo permitir a apresentação em shows. Mas *“não houve assim essa facilidade de, por exemplo, dentro da Ordem pra que o músico viesse a ter realmente a sua carteira, e aqui em Cáceres foi marcado com muito assim, lado de muito conflito desagradável que houve.”*³⁸

Sobre a questão da legalidade para as práticas do ofício de músico, o músico Antônio Saturnino da Silva declara que: *“o único registrado de verdade era eu, porque eles não eram músico profissional, e pra eles tornava muito difícil. Eu é que eu era o diretor de exames, [...] eu quem era convocado pela Diretoria, de 80 a 90, para aplicar os exames”*.³⁹

Por ter formação em música e estar devidamente cadastrado na Ordem dos Músicos do Brasil, o músico Antônio Saturnino da Silva, segundo a Ordem dos Músicos do Brasil, representada pela Delegacia Regional do Músico de Cáceres, estava qualificado para aplicar os exames para a obtenção da carteira de músico.

Para adquirir a Carteira de Músico, além dos exames que eram realizados pela Ordem dos Músicos do Brasil, outra barreira enfrentada pelos músicos era o valor cobrado por essa carteira e pela taxa da anuidade:

Inclusive uma coisa assim, é muito interessante, eu acho que só aqui existe mesmo, anuidade semestral, você já viu? [...] Anuidade você pagava a cada

38 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

39 Conforme entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.

seis meses; era maravilhoso, certo? Não era semestralidade; era anuidade semestral. Então eram duas pauladas; então a partir desse instante: eu paguei uma vez só, nunca mais paguei porque na realidade era só enganção. (Entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.)

Isso indica que se o músico não estivesse em dias com a Ordem, ele não tinha autorização para se apresentar em shows. Estaria sujeito a ser barrado e impedido de se apresentar.

O músico Walter Cândido de Oliveira afirma que a não valorização da prática do músico em Cáceres, também contribuiu para dificultar aos músicos o acesso à Carteira de Músico:

Porque é sabido que na cidade de Cáceres também há grupos que às vezes trabalham demais e que podem ter a sua carteira, mas há músicos que também trabalham por aí, com salário de contratos que não dá nem pro músico buscar os seus direitos na Ordem pra poder adquirir a sua carteira, [...] tamanho é assim ainda a falta de valorização do comércio musical dentro de Cáceres; existem muitos grupos aí tocando a troco de banana, que chega na hora de tirar a sua carteira, eles não tem condições financeiras. (Entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.)

Durante as práticas do ofício do músico, em shows, festivais, bailes, carnavais e etc., freqüentemente eram abordados pelos fiscais da Delegacia regional do Músico, que apoiados pela Lei 3.857/60, que regulamenta o ofício do músico, cobravam-lhes a Carteira de Músico, assim como a devida quitação da anuidade vigente. Mas, *“muitas vezes a Ordem dos Músicos deixava passar. Não todas.”*⁴⁰

O músico Walter Cândido de Oliveira declara que a Delegacia Regional do Músico não agia da mesma maneira com todos os músicos; de alguns cobrava a anuidade⁴¹ e de outros não: *“houve sempre a falta também de transparência dos delegados; às vezes é delegado que faz um acerto com um músico, acerto que no fundo é simplesmente pra interesses pessoais, faltando com a responsabilidade dele.”*⁴²

Os delegados não cumpriam a lei decentemente, ou seja; aproveitavam do poder que lhes eram atribuídos e faziam acertos diversificados com o músico, estabelecendo um tipo de acordo que atendesse o seu interesse próprio, num ato de extorsão.

Por outro lado, o músico entrevistado Antônio Saturnino da Silva afirma que a Delegacia Regional do Músico o ajudara nas práticas do ofício, deixando-os tocarem, sem multá-los:

O [...] chefe da Ordem dos Músicos cobrava aquele cachê, eu não sei quanto. Era anuidade. Eu nunca paguei, porque eu era militar, amigo dele, nunca me exigiram nada. E meus colegas, meus companheiros, nunca pagou porque eu não ia deixar. Mas outros pagavam. Alguns deles foi por intermédio de

40 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

41 Taxa referente ao exercício do ofício de músico, recolhida anualmente.

42 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

amizade pessoal, ele deixava passar. Às vezes mesmo com consciência do fiscal, num bailezinho, tirar eles dali, porque precisavam ganhar aqueles 15, 20 cruzeiros, naquela época. (Entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.)

Na fala do entrevistado, percebe-se a prática do favorecimento para uns e não prá todos. Essa afirmação vem a confirmar a declaração do músico Walter Cândido da Silva, que apresentou o seu descontentamento com algumas das fiscalizações realizadas pela Ordem dos Músicos do Brasil na cidade de Cáceres, na década de 1980.

O entrevistado Antônio Saturnino da Silva, além de músico, era militar; o chefe da Ordem dos Músicos, também era músico e militar. Havia relações de amizades fortíssimas entre ambos, devido às relações militares que mantinham.

O músico Walter Cândido de Oliveira, durante a entrevista, atribui também aos músicos a falta de interesse de buscar os seus direitos, de não proporem à Ordem um diálogo que tivesse um resultado, um acordo: *“vi também uma falta de encarar a Ordem, não sei se por nossa parte, como também uma estrutura de apoio para a gente. Houve também um mal entendido do lado dos músicos, em não buscar as pessoas da Ordem.”*⁴³

Na sua fala, o entrevistado atribui também aos músicos a responsabilidade de não buscarem um entendimento com a Ordem dos Músicos do Brasil. Não houve uma união entre os músicos, ou seja; não havia uma associação com o objetivo de discutir a profissão de músico na cidade de Cáceres, na década de 1980.

Quanto à relação entre os músicos e a Secretaria de Cultura não foi muito diferente, tendo em vista que este órgão também tem a função de controlar por excelência.

Alguns músicos acreditavam que seriam beneficiados, através deste órgão, com os espaços para as práticas da profissão de músico. Mas, nas falas dos músicos entrevistados, Walter Cândido de Oliveira, Antônio Saturnino da Silva e Osmar Luiz de Camargo Negrão, a Secretaria de Cultura, órgão que tem como objetivo promover o espaço para valorizar a cultura, valorizar o músico, oferecendo condições dignas para que ele exerça o seu trabalho, através de eventos artísticos, festas comemorativas, festivais, não dava apoio aos conjuntos musicais, *“incentivo era pouco, não existia incentivo, o incentivo era muito pouco, não existia.”*⁴⁴

Osmar Luiz de Camargo Negrão disse que:

Eu vou ser sincero. Secretaria de Cultura, eu nem sei se existiu aqui naquela época. [...] Quem contratava a gente prá tocar lá nas festas de feiras agropecuárias, [...] era o Sindicato Rural. Nós éramos muito bons pra ser mostrados para os políticos, pra chamar a gente pra tocar para os políticos, mas pra ajudar nunca ajudaram um milímetro. Não sei se existia, não sei se existiu. Nós nunca dependemos. (Entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.)

A ausência do Estado, e a forma como alguns músicos eram tratados, pela Secretaria de Cultura na década de 1980, está explícito na fala do entrevistado acima.

43 Conforme entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.

44 Ibid.

Eles serviam apenas para trazer e manter o povo nos comícios políticos. Sendo assim, eles não recebiam benefícios; ao contrário, eles tinham que beneficiar os políticos.

O músico Walter Cândido de Oliveira relata alguns acontecimentos envolvendo os músicos e a Secretaria de Cultura, no final da década de 80, já no começo dos anos 90:

Uma vez nós fomos fazer um carnaval com a Secretaria de Cultura, nem não foi na década de 80, foi na década de 90, e esse secretário burlou, ele com o presidente, pegou uma parte que não era, por exemplo, que muito inferior ao predestinado à banda e o resto ele usufruiu. Aí houve um questionamento do músico, eles chegaram a bater de frente com esse secretário [...] foi um incidente até muito chato na época justamente por falta de transparência da Secretaria de Cultura, do secretário, quando ele era pra incentivar ele não incentivou e ainda quis lograr, tirar os direitos financeiro da banda que estava tocando pro povão. (Entrevista realizada com o músico Walter Cândido de Oliveira no dia 15/07/2007.)

A forma como as fiscalizações eram realizadas em alguns eventos tinham o caráter de atender as vontades particulares de alguns delegados da Ordem dos Músicos do Brasil, representada pela Delegacia Regional do Músico de Cáceres. Esses buscavam tirar algum proveito próprio e burlavam até o valor acertado entre o contratante e o conjunto musical contratado. Retiravam daí também uma parte para eles, e faziam “vista grossa” para que o evento não fosse impedido de acontecer.

Sobre os conjuntos musicais que eram chamados para tocarem para a Prefeitura, o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão disse: “*é outra coisa: todas às vezes que era pra tocar pra Prefeitura, tinha que receber antes porque a gente sabe o que é pra receber da Prefeitura [...] então, tocar pra Prefeitura, pra esse tipo de coisa, só adiantado.*”⁴⁵

Durante as comemorações realizadas pela Fundação Cultural de Cáceres, realizado no dia 06 de outubro de 1991, em que o presidente da fundação, Senhor Natalino Ferreira Mendes, entregou um Certificado⁴⁶ aos músicos que participaram, através das práticas da profissão de músico, ou seja, por terem tocados, informando que o músico participou com a sua banda, com o seu conjunto musical. Este certificado era assinado pelo então Prefeito Municipal Walter Fernandes Fidélis, representando a participação dos músicos na realização das comemorações festivas.

No dia 22 de novembro de 1991, a Delegacia Regional do Músico, representada pelo delegado regional Clodomiro Rocha Custódio, e pelo Mestre de Música do 66º B.I.M.T.Z, João Bosco Miranda, forneceu aos músicos um pequeno Certificado⁴⁷, agradecendo a participação dos músicos no Dia do Músico. Era essa a representação do Certificado: um agradecimento.

45 Conforme entrevista realizada com o músico Osmar Luiz de Camargo Negrão no dia 30/07/2007.

46 Este Certificado trazia o brasão de Cáceres, como marca d'água, no formato de 30cm por 20cm, papel branco com letras verdes, assinado pelo Prefeito Municipal Water Fernandes Fidélis e pelo presidente da Fundação Cultural prof^o. Natalino Ferreira Mendes, datado de 08 de outubro de 1991.

47 Pequeno Certificado datado constando o nome do músico e a banda a que pertence. O papel era branco, com letras verdes. Era assinado pelo Delegado Regional, apresentando o número do RG do Delegado Regional. Também apresentava o nome do Mestre de Música do 66º B.I.M.T.Z., assim como a sua assinatura.

O apoio que os músicos recebiam vinha em forma de agradecimentos, como apresenta os documentos levantados e citados na produção desta pesquisa. Através dos convites feitos aos conjuntos musicais com os seus respectivos músicos, era uma das formas que a Fundação Cultural de Cáceres se utilizava para incentivar e valorizar a prática do ofício do músico. Neste espaço, em que eram realizadas as festividades, os músicos podiam mostrar seus talentos, e dessas apresentações, possibilidades de contratos de shows muitas vezes surgiam. Assim, era realizado o processo de valorizar o músico, dando-lhes visibilidade e estimulando a criação e a difusão do seu trabalho.

Mas, o músico Antônio Saturnino da Silva, ao falar da Secretaria de Cultura em relação aos conjuntos musicais, aos músicos, afirma que “*nós não tinha apoio de nada*”⁴⁸. Cita que este órgão não incentivava, não apoiava as práticas do ofício de músico em Cáceres.

O músico Saturnino declara que todo esse espaço musical veio sofrendo alteração com o passar dos anos: “*no início de 94 [...] já veio músicos de fora [...] já estava ficando escasso, Os únicos clube que fazia carnaval mais ou menos aqui era o UBS e o Humaitá, e aí sumiram, desaparecia [...] de 95 pra cá é que acabou mesmo de uma vez.*”⁴⁹

Em função da modernização na área musical, com a utilização do “eletro-ritmo”, que era um teclado que integrava a guitarra, o contrabaixo e a bateria, e que necessitava de apenas um músico, ocupando o espaço que seria utilizado por três a quatro músicos, contribuíram para que essas práticas de diversões, realizadas pelos conjuntos musicais, fossem desaparecendo.

O som eletrônico, realizado por DJs, que eram pessoas que se utilizavam de aparelhos de som, tipo tape-deck, para abrilhantarem os bailes e as matinês de domingo, também vieram a disputar o espaço que era utilizado pelos conjuntos musicais, contribuindo no desaparecimento das práticas dos músicos.

Alguns músicos começaram a trabalhar em barzinhos, mas o que recebiam não dava para sobreviver da música, então, a maioria dos músicos foi para outras cidades, outros estados.

Considerações finais

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de apresentar como foi se constituindo o perfil dos músicos na cidade de Cáceres, nos espaços sociais, na década de 1980. Por meio das entrevistas, concluiu-se que entre os músicos estabelecia-se uma relação de harmonia, de companheirismo, apesar de disputarem os mesmos espaços e a mesma função. Foi possível observar que, nas falas dos músicos entrevistados, todos apresentaram suas indignações sobre a Ordem dos Músicos do Brasil, representada pela Delegacia Regional do Músico de Cáceres, pela falta de transparência nas fiscalizações e na confecção das Carteiras de Músico e indignações também acerca da Secretaria de Cultura, por não incentivar, não apoiar as práticas do ofício dos músicos na década de 1980.

Também foi possível observar o contentamento dos músicos entrevistados pelo reconhecimento vindo pela sociedade, pela agradável recepção, e pelo incentivo

48 Conforme entrevista realizada com o músico Antônio Saturnino da Silva no dia 20/05/2007.

49 Ibid.

que recebiam dos clubes sociais UBSSC, Humaitá, Nipo Brasileiro e Iate Clube, que além de contratá-los, cediam-lhes os espaços para os ensaios.

Assim sendo, espera-se que os músicos atuantes e os futuros músicos busquem a interação, ou seja, criarem uma Associação e/ou fundarem um sindicato com o objetivo de atender aos seus interesses, contribuindo para a manutenção das suas práticas de músicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDES, Natalino Ferreira. História de Cáceres. História da Administração Municipal. Tomo I. Cáceres, 1973. Tema: Volta à legalidade, pág. 97.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.20, nº 39, p.210. 2000.

PÓVOAS, Lenine C. História da Cultura Matogrossense. Ed. 2. Cuiabá: 1994. págs.155 a 156.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Revivendo Mato Grosso. Capítulo 10 – A Cultura Matogrossense no século XIX. Cuiabá: SEDUC, 1997, p. 84.

_____. Revivendo Mato Grosso. Capítulo 7 – As usinas de açúcar. Cuiabá: SEDUC, 1997, p.73.

SIQUEIRA, Joaquim da Costa. Compêndio histórico das notícias do Cuiabá, repartição da capitania de Mato Grosso, desde 1778 a 1817. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XIII, 1850, pp. 5-124.

JORNAIS

Jornal Correio Cacerense. Cáceres, 10 de agosto de 1980, pág. 2.

Jornal Correio Cacerense. Destaques Sociais, Cáceres-MT, 8 de novembro de 1984, pág.3.

Jornal Correio Cacerense. Destaques Sociais, Cáceres-MT, 10 de novembro de 1984, pág.3.

Jornal Correio Cacerense. Destaques Sociais –Cáceres-MT, 17 de novembro de 1984, pág.3.

Jornal Correio Cacerense. Cáceres, 20 de novembro de 1984, pág. 2.

Jornal Correio Cacerense. Cáceres-MT, 29 de novembro de 1984, pág. 5.

Jornal Correio Cacerense. Destaques Sociais –Cáceres, 13 de julho de 1985, pág.3.

Jornal Correio Cacerense. Cáceres, 27 de julho de 1985, pág.1.

ENTREVISTADOS

Antônio Saturnino da Silva. Músico. Entrevista realizada no dia 20/05/2007.

Osmar Luiz de Camargo Negrão. Músico. Entrevista realizada no dia 30/07/2007.

Walter Cândido de Oliveira. Músico. Entrevista realizada no dia 15/07/2007.